

ALTHUSSER, O CORTE EPISTEMOLÓGICO E O MATERIALISMO DO ENCONTRO

ALEXANDRE DE LIMA CASTRO TRANJAN¹⁵¹

Resumo: O presente ensaio se dedicou à análise do balizamento interpretativo realizado por Louis Althusser para a obra de Karl Marx, destacando-se o conceito hermenêutico de "corte epistemológico" para diferenciar os textos de Marx ditos propriamente marxistas daqueles "de juventude", tidos pelo filósofo franco-argelino como leituras pré-científicas. No decorrer deste trabalho investigativo, notou-se de especial relevância a proposição althusseriana do materialismo do encontro, chave para uma filosofia da história ateleológica e, por isso mesmo, rigorosamente marxista, conquanto presentes em sua formulação influências de outras vertentes filosóficas.

Palavras-chave: Louis Althusser; Karl Marx; corte epistemológico; materialismo do encontro.

A leitura de Marx, para qualquer partido ou movimento que se pretenda radical de esquerda, é sem dúvidas indispensável para o merecimento de tal designação. Entretanto, é comum que tal leitura se baseie numa espécie de *pot-pourri* teórico, misturando os mais variados momentos de sua obra – por vezes, com a de outros autores – sem o mais adequado rigor metodológico para tal. Contra esses estudos atabalhoados da obra marxista, o filósofo franco-argelino Louis Althusser propõe, na obra *Por Marx*, um novo horizonte de estudo teórico. É a partir dele que a presente discussão se realizará.

O ecletismo teórico pouco contribui para a compreensão da obra de Marx, por se basear em dois pressupostos enganosos. Em primeiro lugar, a noção de que um sistema de pensamento pode ser reduzido a seus elementos e, assim, seria possível alguma forma de *crossing over* entre componentes de diferentes sistemas. Em segundo, a *teleologia*, que converte sistemas em elementos a fim de submetê-los a outro sistema, o de uma história da filosofia escrita e julgada *a posteriori*. Ambas as pressuposições que alisamos têm como fundamento uma o da *autointeligibilidade da ideologia*, ou seja, que toma a história das ideias como elemento único de análise, furtando-se a um aprofundamento sobre o não-escrito, o não-dito, nos quais o texto se sustenta e com os quais dialoga (ALTHUSSER, 2015, p. 42-3).

Assim, das duas, uma: ou submete obras da juventude à condição de embriões de mesma natureza que das obras de maturidade, numa teleologia hegeliana da história da filosofia; ou, ao contrário, toma apenas elementos de cada obra a fim de integrá-los em um todo, mas num todo que se constitui apenas numa somatória de suas partes, não numa integração coesa e que respeite o contexto de cada produção (ALTHUSSER, 2015, p. 41).

Se tais gambiarras interpretativas já consistem numa desistência a uma leitura científica de Marx, há também a situação, também comum às esquerdas, de renúncia absoluta a tal estudo. Essa renúncia se dá por duas maneiras diferentes de não ler Marx: efetivamente não utilizá-lo como horizonte teórico, tentando alcançar um substituto à altura — seja ele não marxista ou, o que chega a ser cômico, um seguidor de Marx, que em pouco mais consiste do que uma leitura deste, científica ou não — ou, então,

151

Graduação em Direito pela Universidade de São Paulo. E-mail: alexandre.tranjan@usp.br.

restringir-se às obras do humanismo idealista do Jovem Marx, dotado de uma visão feuerbachiana, não propriamente marxista (ALTHUSSER, 2015, p. 35).

A realidade das esquerdas pseudo-marxistas contemporâneas divide-se, então, em alguma dessas duas leituras e nessa não-leitura de Marx. Por quê?

Sem prejuízo a outras possíveis explicações, em especial das que estudem as particularidades de cada movimento de esquerda, tratemos o contexto geral da contemporaneidade como aquele do qual o niilismo do Realismo Capitalista (FISHER, 2009) desponta como ideologia predominante após a queda do Muro de Berlim, consolidando a democracia liberal como meio único de pensarmos a transformação política, nós que, sujeitos de direito, elegemos nossos representantes. Tal mundivisão, por óbvio, limita as pautas que podem ser discutidas à forma política em que se inserem. Eis onde o Jovem Marx, cuja potência revolucionária não fora ainda inserida, pode plenamente ser encaixado como fonte teórica para um discurso comovente em plenária, numa simples luta por direitos (MASCARO, 2013, p. 85-9).

A essa fraqueza teórica de uma esquerda melancólica e conformada na teoria e na prática à forma política do capital e aos ritos democráticos que emergem de seu seio, devemos opor uma crítica que eleja como objeto privilegiado de sua incidência o aspecto econômico. Apenas assim pode ser ultrapassada a superfície dos aspectos da convivialidade, a fim de que se encontre sua base estruturante, isto é, o *modo de produção*. Essa crítica, se generalizada e tomada no seu maior grau de elaboração científica, pode ser designada *materialismo histórico*.

O materialismo histórico desponta como método justamente na maturidade de Marx. Não faz sentido aplicá-lo à juventude, de bases idealistas, muito menos o contrário. Não mais se discute a categoria homem, mas sim, de um conjunto conceitual cuja aplicação se dá em relação à materialidade das relações de produção e, portanto, independe de particularidades humanas (MASCARO, 2021, p. 495-6). Althusser tem o mérito de levar essa descontinuidade a sério, a ponto de estipular um *corte epistemológico* para a leitura de Marx, que separa sua obra em diferentes períodos, a saber, quatro: de 1840 a 1844, as obras de juventude; em 1845, as obras do corte; de 1845 a 1857, as de maturação; por fim, do período que se estende de 1857 até o fim de sua trajetória, em 1883, Marx escreve suas obras de maturidade (ALTHUSSER, 2015, p. 24-5).

Não entraremos nos pormenores desses cortes distintos que, longe de serem irrelevantes, apenas não são objeto de nossa discussão. Nosso objetivo é tornar aqui cristalina a compreensão geral de que ler Marx senão a partir da ruptura entre os momentos de sua obra é fazer injustiça a seu momento de maior potência crítica, reduzindo ao reformismo de seu momento primeiro. Ter Marx como marco teórico é, sem dúvidas, um excelente instrumento discursivo. Entretanto, é preciso encontrar o verdadeiro Marx, não aquilo que sequer pode ser chamado de seu projeto, afinal, isso já seria submeter sua obra a um futuro do pretérito.

À guisa de conclusão, é interessante notar como a rejeição da teleologia da história situa Althusser como um filósofo do encontro. Isso não se dá apenas em suas obras finais, em que tal noção ganha expressão clara e sistemática, mas também no texto aqui escolhido como foco de discussão, que data de 1965. Em se opondo a um devir teleologicamente determinado, o que Althusser coloca é justamente um materialismo aleatório, moldado a partir de *encontros*, frutos do acaso tomado a partir das formas sociais. A história realiza suas transições não pela dialética de um movimento direcionado, mas sim a partir de momentos de *pega*, que emergem no contexto das crises constitutivas de cada modo de produção, em

que as forças se encontram, de maneira totalmente contingente, de modo a produzir o real (MASCARO; MORFINO, 2020).

A história, de acordo com essa corrente dita “subterrânea” em razão de, no cenário acadêmico, mesmo o marxista, ser sempre legada a uma posição minoritária. Mas, como Deleuze, outro filósofo que descreve, já em 1972, a história a partir dos encontros (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 163), afirma do mais profundo potencial transformativo, revolucionário aquilo que apresenta um devir minoritário, já que é por ele que se constrói um campo de autonomia irreduzível ao padrão estabelecido (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 133-4). O que se demonstra com o materialismo do encontro é que o todo resultante desses momentos de *pega* não pode ser compreendido como anterior a eles, mas sim, porque por eles produzido, resultado posterior (ALTHUSSER, 2005, p. 32). A história se faz por acasos, por momentos imponderáveis, incalculáveis e que não podem ser traçados nem ditos *a priori*. Por isso é um contrassenso afirmar o fim da história¹⁵². Na medida em que o encontro entre forças fez cada modo de organização da vida material, e que pela força incalculável daquilo que chamamos “acaso” puderam permanecer, é a esse reino da contingência (ALTHUSSER, 2005, p. 11) que pertence a vida social. Nenhuma justificativa – de que se pode dizer niilista (TRANJAN, 2022a, p. 37-39) – do que é porque assim deveria ser, e nenhuma crença na imutabilidade do que é.

Em termos concretos, o capitalismo não existe como necessidade lógica, mas sim como contingência de um encontro de forças que emergiram em determinado momento histórico. Quando falamos em materialismo do encontro, não se trata de uma heterodoxia no estudo de Marx, mas sim do mais fiel retorno ao entendimento holístico de sua obra posterior ao “corte”. Ao estudar a historicidade daquilo que idilicamente postula a economia política burguesa como “acumulação primitiva” (MARX, 2017, cap. XXIV), o que Marx percebe é justamente a comunhão de diversos fatores que se encontraram na ocasião propícia, fazendo surgir o modo de produção capitalista na Inglaterra. Como diz o filósofo argelino: “Em inúmeras passagens, Marx, e não acontece certamente por acaso, nos explica que o modo de produção capitalista nasceu do “encontro” entre o “homem com dinheiro” e o proletário desprovido de tudo, exceto de sua força de trabalho” (ALTHUSSER, 2005, p. 32). Os cercamentos possibilitaram a Revolução Industrial na medida em que permitiram que uma vasta área de terra fosse utilizada para criação de ovelhas para a produção de de lã para as tecelagens, ao mesmo tempo em que se criava um contingente de trabalhadores duplamente livres, apartados dos meios de produção e tornados sujeitos de direito, aptos a possuir e alienar mercadorias, incluindo a própria força de trabalho (MARX, 2017, p. 244. PACHUKANIS, 2017, p. 118-121; TRANJAN, 2023a, p. 93), a que o Estado e o direito servirão como instrumentos de garantia e mediação, respectivamente, de tais relações sociais (TRANJAN, 2022b, p. 15-16; TRANJAN, 2023c, p. 78-81). O mesmo percebe Althusser (2015, p. 192) em relação à ideologia, que constitui o horizonte de representação das relações sociais dos indivíduos, e que serve à reprodução do modo de produção capitalista, seja na formação de trabalhadores aptos ao trabalho, seja pela constituição de sua subjetividade de modo a desejarem o capitalismo, e a ele se submeterem (ALTHUSSER, 2014, p. 65-7).

Althusser (2005, p. 9) diz “perigosa” a tradição do materialismo de encontro em razão, podemos entender, de sua premissa central acerca da história: a antiteleologia, e a decorrente abertura da história. Em não sendo dada como totalidade encerrada sobre si, não havendo uma ordem preestabelecida da

¹⁵² Se o próprio Fukuyama desistiu dessa ideia, o mesmo não se aplica ao *establishment* liberal, que continua a afirmar o capitalismo liberal como modelo social e econômico definitivo.

história da trajetória humana, é possível crer na possibilidade da transposição revolucionária do modo de produção capitalista, em um momento de *pega* futuro ou presente. O mais radical e revolucionário marxismo é justamente aquele que, não dando a revolução como certa nem impossível, isto é, escapando do determinismo absoluto do econômico sobre o político, o ideológico, o jurídico, e entendendo tais fenômenos como mecanismos reprodutivos (TRANJAN, 2023b, p. 94), em imbricação recíproca com o âmbito material (MASCARO, 2013, p. 60-1), abre-se sempre a possibilidade da revolução de tais formas de organização da estrutura social.

Nesse entendimento da história segundo o qual a revolução não é uma necessidade nem uma impossibilidade, mas um horizonte sempre imaginável e realizável a partir de forças que podem vir a se encontrar, aos intelectuais cabe exatamente o papel de informar a prática à luz da teoria, da melhor teoria, da *ciência* do marxismo construída exatamente por meio da leitura de Marx pelo corte epistemológico de que falamos, para que uma sociedade organizada possa agir em prol de sua transformação, no momento em que a ocasião permitir tal encontro, ou melhor, até que isso ocorra. *Alea jacta est.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. A corrente subterrânea do materialismo do encontro. [In:] *Crítica Marxista*, vol. 20. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2005.
- ALTHUSSER, Louis. *On the Reproduction of Capitalism*. Prefaced by Etienne Balibar. Translated by G. M. Goshgarian. London: Verso Books, 2014.
- ALTHUSSER, Louis. *Por Marx*. Tradução de Maria Leonor F. R. Loureiro. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *L'Anti-Édipe : capitalisme et schizophrénie I*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux : capitalisme et schizophrénie II*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- FISHER, Mark. *Capitalist Realism: is there no alternative?* Reino Unido: Zero Books, 2009.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MASCARO, Alysson Leandro. *Estado e forma política*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MASCARO, Alysson Leandro. *Filosofia do direito*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- MASCARO, Alysson Leandro; MORFINO, Vittorio. *Althusser e o materialismo aleatório*. São Paulo: Ed. Contracorrente, 2020.
- PACHUKANIS, Evguiéni. *Teoria Geral do Direito e Marxismo*. Tradução de Paula Vaz de Almeida. São Paulo: Boitempo, 2017.
- TRANJAN, Alexandre de Lima Castro (2022a). As linhas de fuga de Friedrich Nietzsche. [In:] *Occursus – revista de filosofia*. Fortaleza, v. 7, n. 1, Jan/Jun. 2022, p. 33-46. Disponível em <<http://seer.uece.br/?journal=Occursos&page=article&op=view&path%5B%5D=4327>>. Acesso em 01 de agosto de 2023.
- TRANJAN, Alexandre de Lima Castro (2022b). O Estado como forma política da esquizofrenia capitalista: uma leitura de Mascaró a partir de Deleuze e Guattari. [In:] *Res Severa Verum Gaudium*. Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 73-96, mai. 2022. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/resseveraverumgaudium/article/view/121442>>. Acesso em 19 de julho de 2022.
- TRANJAN, Alexandre de Lima Castro (2023a). “Law, Values and State: The Fundamentals of Derivation Theories” [In:] *Kultura i Wartości*, n. 34 (2022/2), p. 85-104. DOI: <http://dx.doi.org/10.17951/kw.2022.34.85-104>. Acesso em 01 de agosto de 2023.

TRANJAN, Alexandre de Lima Castro (2023b). Saber-poder, discurso e ideologia: uma discussão entre Foucault e Althusser. [In:] *Revista Diálogos*, 11(1), 2023/1, p. 85-102. Disponível em <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/15019>>. Acesso em 01 de agosto de 2023.

TRANJAN, Alexandre de Lima Castro (2023c). O eterno discurso da reforma penal: uma crítica materialista. [In:] *Boletim IBCCRIM*, 31(367), junho de 2023. Disponível em <https://publicacoes.ibccrim.org.br/index.php/boletim_1993/article/view/581>. Acesso em 01 de agosto de 2023